

## BABILÔNIA

(Trecho de um POEMA SUBURBANO. Escrito em  
Linguagem da Favela, com Versos de pés no chão)

*Martins d'Alvarez*

Subindo pelo morro,  
em todos os sentidos,  
na mais perfeita confusão,  
casebres e barracos mal-vestidos,  
de barro, latas, zincos e sarrafos,  
em desordem total,  
vistos de longe,  
dão-nos a impressão  
de um quadro ingênuo do sertão  
— uma antiga Lapinha de Natal.

Aos trancos,  
agarrado nos barrancos  
do morro agreste e nu,  
o casario vai-se equilibrando,  
apoiado em escoras  
— estranhas palafitas,  
pontas de pedra  
ou simples barro cru . . .  
Com acesso e saída  
pelos fundos . . .  
Na frente, o abismo,  
o precipício e a imagem  
da esplêndida paisagem  
que se vê  
desses curiosos ninhos de urubu.

No alto do morro,  
de tijolo e telha,  
solidamente edificada,  
fica a birosca do Janjão,  
plantada  
junto à velha mangueira . . .  
Mangueira cuja sombra generosa  
abriga mesas, bancos e cadeiras  
para as alegres domingueiras  
de chopes, feijoadas, mocotó,  
com despesa, entre amigos, discutida  
no sete-e-meio  
e no bozó.

O Janjão é bem vivo e diligente,  
goza de luz elétrica, geladeira,  
fogão a gás  
e a Zefa quitandeira,  
boa de corpo  
e exímia cozinheira,  
que faz de tudo  
pra agradar a gente:  
— tira-gosto de todas as maneiras  
para quem **mata-o-bicho**, simplesmente,  
com pinga ou com batidas de limão . . .  
E à noite,  
— a Zefa que não é de ferro —  
depois da luta,  
toma um banho quente  
pra descansar nos braços do Janjão  
do sufoco diuturno do batente.

Depois dessa birosca  
outros botecos  
mais pobres e modestos  
— nem sempre muito honestos —  
se encontram na Favela.  
Cada qual vende um troço diferente:  
— sal, açúcar, biscoitos, cereais,  
comestíveis frugais,  
bijuteria, brilhantina, pente,

Orações para queda de espinhela,  
figas contra quebranto  
e mau-olhado  
e até meizinha  
para dor de dente . . .  
Vende de tudo o singular mercado.  
Porém, só dois produtos  
— pinga e tabaco —  
acham-se em toda parte,  
invariavelmente.  
O que varia é a marca do cigarro  
e a idade da aguardente.  
As cachaças mais raras  
e mais caras  
do que o "Whisky" escocês  
ou um velho conhaque português,  
não vão além de três.  
Segundo o nordestino Zé Preá,  
suas virtudes são extraordinárias,  
bem curtidas nas dornas centenárias  
de Acarape,  
no Estado do Ceará.  
A primeira das três  
— ele explica ao freguês —  
é ducha-fria pra calor de forno.  
Seu nome é um tanto chato,  
mas, exato:  
chama-se "Amansa Corno".  
A segunda,  
pra genro mal-amado,  
auxilia um bocado,  
inspira a mão-de-obra . . .  
O seu nome diz tudo o que é esperado:  
— "Amansa Sogra".  
A última,  
vale tudo em medicina,  
é um pontapé na gripe e na maleita,  
desfaz até a "coisa feita" . . .  
Daí o nome de "Penicilina".

Mas, além dos botecos e dos vícios,  
mil outras coisas a Favela tem:  
— caminhos para o Mal e para o Bem . . .  
Terreiros de Macumba em profusão . . .  
Feitiçarias, Pai e Mãe de Santo . . .  
Uma Capela pro Senhor São Jorge,  
obra de mutirão.  
Tem parteiras ocultas nos caminhos  
com fábricas de abortos e de anjinhos.  
Mesmo assim, vive cheia de meninos  
de todas as idades,  
soltos no mato,  
dentro dos barracos,  
na barriga estufada das mulheres  
que sempre estão de “novidades” . . .  
Gente pobre e faminta, desnutrida,  
num eterno vai-e-vem,  
que dificulta ver o que tem ela  
e mais difícil ver o que não tem.

E os barracos se vão, desordenados,  
formando cachos, pencas,  
retiros isolados,  
sem rumo ou direção,  
se espalhando por todos os recantos,  
sem ruas, becos, sem numeração,  
sem água, sem esgoto, nada, nada,  
que lembre infra-estrutura planejada  
de qualquer vilarejo em formação . . .  
Submundo do crime e do pecado  
que se entrosam,  
convivem lado a lado  
com toda sorte de contravenção . . .  
Que se alguém,  
por um passo distraído,  
cair nas malhas da infernal colônia,  
irremediavelmente está perdido  
nesta baixa versão de Babilônia.